

Relatório das Reuniões entre Estudantes do CRUSP e Docentes da Rede Não Cala em 2020

Em meados do mês de abril de 2020 docentes da Rede Não Cala entraram em contato com relatos sobre a difícil situação que estavam vivendo estudantes residentes do CRUSP, que permaneceram na moradia estudantil após o início das medidas de distanciamento social em função da pandemia do novo corona vírus. Esses relatos vieram, principalmente, de mães moradoras do Bloco das Mães (térreo do A1). (Cabe notar que há uma demanda de estudantes mães maior do que o espaço a elas reservado no CRUSP, problema que se arrasta há anos.)

Cerca de 500, dos(as) mais de 3.000 moradores(as) do CRUSP, continuavam vivendo no Conjunto Residencial. Eles(as) estavam isolados(as) em um local com infraestrutura bastante precária (em um dos blocos não há água quente para o banho; faltam cozinhas e lavanderias), apesar das medidas institucionais, tais como a distribuição de álcool gel ou de meios de acesso à internet, como modem e celular (que não haviam sanado as dificuldades de conexão).

Estávamos preocupadas com o sofrimento reportado nos relatos e interessadas em oferecer algum tipo de suporte para as estudantes, desenhamos uma proposta de acolhimento em grupo. Tentamos realizar uma primeira reunião, com inscrições, e não obtivemos sucesso. Paralelamente, continuávamos recebendo notícias, tanto por estudantes como pela mídia, de que a situação estava difícil. Inclusive informações a respeito do fato de que três famílias haviam solicitado à Universidade a disponibilização de espaço alternativo ao Bloco das Mães para permanência no decorrer da pandemia.

Essa preocupação com o CRUSP era partilhada por outros segmentos da Universidade e, assim, organizamos uma primeira reunião virtual aberta, com diferentes atores, para dialogarmos sobre o tema. Solicitamos aos estudantes que divulgassem a reunião o mais amplamente possível.

A reunião foi realizada em 9 de maio de 2020. Compareceram 26 pessoas, entre estudantes, docentes, representantes da ADUSP, do DCE, da APG e da representação estudantil no Conselho de Graduação. A proposta de acolhimento

não pareceu interessar às (aos) participantes, sob a alegação de que a estrutura precária da internet tornava inviável o encontro para muitos(as) e, também, como foi ficando mais claro durante a conversa desse dia, havia demandas mais urgentes e vitais sobre as condições materiais para a permanência na residência do que espaço para diálogos e apoio emocional.

Nesse encontro, um aluno da Frente de Combate à Covid 19 do CRUSP apresentou os resultados de pesquisa realizada pelos (as) alunos(as) com os 404 estudantes que permaneciam na moradia naquele momento. Os dados revelaram um quadro de vulnerabilidade em que se destacam as seguintes informações: 54% recebem bolsa, 57% trabalham para sobreviver, 65% estão desempregados(as), 15% são estagiários(as) que tiveram suas atividades e pagamentos suspensos, 75% não têm apoio familiar para permanecer na USP e estão muito longe de casa e 30% visitam, eventualmente, suas famílias. Reporta, ainda, que existiam, naquele momento, quatro moradores(as) com covid. No relato, alunos avaliam que o CRUSP é uma realidade paralela e precária da USP, sendo muito difícil o acesso à Reitoria para comunicar reivindicações e dialogar.

Além da preocupação com a transmissão do vírus no interior da residência, foram elencados vários outros problemas. Em relação aos cuidados com a saúde foram relatadas dificuldades de deslocamento para serviços e equipamentos de atendimento; impossibilidade de conseguir receitas médicas para compra de medicações de uso contínuo ou eventual; carência de atendimento específico para crianças, idosos(as) e portadores(as) de deficiência; ausência de médico de referência. O acesso à alimentação foi considerado insatisfatório. Estudantes que participaram da reunião relataram: “Estamos em desespero por comida e por cozinha”. Essa é uma das falas que expressa de modo contundente e dramático a situação. Conflitos nas relações cotidianas entre moradores(as) foram agravados pela condição de isolamento e de escassez de recursos materiais para cuidar da alimentação e da limpeza. Esses conflitos precisam de mediação: “Estamos brigando assustadoramente e sem mediação”, disse uma das estudantes. “O acesso à internet é instável e/ou inexistente, impedindo a comunicação e o acompanhamento das aulas *on line*. Há, ainda, pessoas sofrendo com agravos emocionais e ideações suicidas, advindas das péssimas condições da vida na moradia estudantil”, declarou outra aluna.

A pandemia evidencia problemas da moradia estudantil que deveriam e poderiam ser tratados como problemas de toda a USP. Trata-se de graves adversidades que pedem a construção conjunta de respostas efetivas para o CRUSP. Na reunião a representante do DCE relatou que a entidade fez a doação de máscaras e de cestas de alimentos e mobilizou a campanha *Instala Já*, que demandava internet para o CRUSP e apontou tais iniciativas como exemplos de ações articuladas que podem ser buscadas coletivamente.

Foi possível assim identificar um conjunto de demandas atuais para o enfrentamento da pandemia: acesso a atendimento médico de referência e a receitas de medicamentos; meios de deslocamento no interior e para fora da USP; dispositivos e pessoas capazes de mediar conflitos interpessoais na moradia; assepsia de todos os espaços da moradia, tendo em vista padrões básicos de higiene exigidos pela prevenção da covid; internet de qualidade com acesso ilimitado; atendimento às especificidades de saúde de crianças, idosos(as) e portadores(as) de necessidades especiais; provimento de alimentos perecíveis com regularidade e de eletrodomésticos.

Junto às demandas emergenciais, demandas mais antigas e constantes foram reportadas e debatidas. Destacam-se aquelas referentes às mulheres que vivem com filhos(as) na moradia estudantil e que, na situação da pandemia e do distanciamento imposto como medida sanitária, recolocam suas justas exigências quanto ao reconhecimento de suas existências e necessidades. Há forte preocupação com segurança, educação, alimentação e lazer das crianças, que se conecta com históricas reivindicações de creche, reformas físicas e estruturais dos espaços, presença efetiva de funcionários(as) de apoio para manutenção dos prédios e segurança. E, sobretudo, há um pedido de reconhecimento oficial da existência de mães com suas crianças residindo no CRUSP.

Dessa reunião desdobraram-se três encaminhamentos: 1) elaboração de uma carta/documento com a explicitação e demanda de soluções para as necessidades mais prementes dirigida à Reitoria, SAS e Congregações; 2) continuidade das reuniões com moradores e moradoras presentes e outros coletivos (que seriam convidados) para definir e colocar em prática ações

comunitárias de solidariedade a moradores(as) do CRUSP durante a pandemia;
3) organização de encontros de acolhimento.

Foram então realizadas mais 10 reuniões, nas datas: 14, 21 e 28 de maio; 23 de junho; 22 e 31 de julho; 11, 18 e 25 de agosto; 8 e 14 de setembro e 11 de novembro.

De início, algumas providências foram encaminhadas para obter doações de equipamentos e alimentos perecíveis, principalmente cestas de frutas frescas, necessárias para a alimentação das crianças. A carta com a explicitação das demandas e solicitação de uma reunião com representantes da Reitoria/SAS, assinada por estudantes, Rede Não Cala, ADUSP, DCE, APG, SINTUSP, Frente Universitária de Combate ao COVID e Comissão de Mães do CRUSP, foi encaminhada à Reitoria/SAS (em 20 de maio de 2020), ao Escritório USP Mulheres (em 26 de maio de 2020) e reencaminhada à Reitoria/SAS em 21 de junho de 2020, tendo em vista a ausência de resposta por parte dessas instâncias. Após o último envio, a superintendência da SAS respondeu em 13 de julho, sugerindo que fossem lidos os comunicados oficiais da Superintendência sobre as providências tomadas em relação à pandemia que incluíam, no caso do CRUSP, o envio de *kits* com material de limpeza, instalação de modems para acesso à internet e distribuição de refeições.

Nesse percurso, foram realizadas doações para a Comissão de Mães em nome de uma das estudantes. Tal fato gerou tensões com outros (as) moradores (as) pela posterior ausência de prestação de contas. Em uma das reuniões seguintes a estudante prestou contas das doações recebidas, mas seus esclarecimentos não foram considerados suficientes pelo grupo. Nesse momento, em concordância com as(os) estudantes, resolvemos interromper os depósitos na conta bancária da estudante e pessoas e grupos passaram a fazer doações na conta bancária de um Centro Acadêmico, que se disponibilizou a intermediar com moradores e moradoras as doações.

A má qualidade dos modems, os problemas na logística da distribuição das refeições e a não continuidade da oferta de materiais de limpeza e assepsia preventiva contra o corona vírus foram assuntos tratados nas reuniões. Não foi possível realizar nenhuma reunião com a presença de representantes da Reitoria/SAS. A partir de 11 de agosto, respondendo a convite feito pelo coletivo

de estudantes e docentes, duas assistentes sociais da SAS passaram a participar também dos encontros, colaborando de modo significativo para o debate, trazendo informações relevantes e explicitando pontos de vista sobre alguns dos problemas enfrentados no CRUSP, especialmente aqueles relativos a situação das mães, ocupação de vagas, critérios e procedimentos na gestão da residência.

Em relação aos temas de limpeza, segurança e problemas estruturais, ouvimos vários relatos e vimos alguns vídeos de episódios que atestam a precariedade das instalações, tais como entupimentos, ausência de água quente em alguns apartamentos, máquinas de lavar roupa e fogões sem funcionar, desabamento de parte do teto do corredor do bloco das mães, entre outros. Além disso, pudemos constatar a ocorrência de relações interpessoais tensas e conflituosas, além de relatos sobre os chamados problemas de saúde mental, envolvendo intenso sofrimento de moradores(as) com diagnósticos psiquiátricos, e outras questões, tais como: uso de drogas, violências físicas, verbais, psicológicas, preconceitos de diversas ordens -- com usuários de drogas, com nordestinos, com estrangeiros, com portadores de sofrimento mental, com mães em condições irregulares na moradia etc. Alguns estudantes expressaram em diversos momentos o quanto a experiência de não serem respeitados(as), reconhecidos(as) e ouvidos(as) pelas instâncias institucionais da universidade vinha agravando o sofrimento. Apresentavam, assim, o descuido, desinteresse e marginalização como marcas da gestão oficial do CRUSP. A perspectiva de uma Ética do Cuidado implica a produção de outros modos de vida cotidiana na residência e, também, de novas aberturas para o diálogo e negociação com os gestores. Em um ciclo vicioso, as(os) estudantes sentem que são mal tratados pela instituição e se maltratam entre si. “Sonhei em estudar na USP, estudei muito para passar, nunca imaginei que por residir na moradia seria tratado como marginal”, nos relatou um estudante de um proeminente curso da área da saúde.

O tema da violência foi ganhando centralidade na sequência das reuniões, com muitas estudantes reportando casos de agressões verbais e de conduta, temendo ser agredidas fisicamente. Houve acusações mútuas entre estudantes sobre as agressões sofridas, assim como manifestações de medo de agravos

externos, como assaltos e estupros por parte de pessoas estranhas à residência que têm livre acesso a ela.

Ações de controle e prevenção da transmissão de covid 19 são outro ponto de profunda preocupação de nossa parte: a necessidade de campanhas, informações, limpeza dos corredores, melhor organização da distribuição de marmitas foram aventadas, mas pouco se avançou em termos práticos. Em reunião recente, por exemplo, houve o relato de que estudantes com covid têm que se deslocar pelos espaços da moradia para buscar suas refeições.

A partir de 25 de agosto ocorreu uma ruptura entre estudantes que vinham discutindo e entrando em conflito, no cotidiano da moradia e também nas reuniões conosco, e algumas passaram a não participar mais, permanecendo apenas no grupo que se designa Coletiva de Mães do CRUSP.

A questão da regularização da presença de mães com filhas(os) residindo fora do Bloco de Mães voltou a ser pautada como prioridade e as últimas duas reuniões tiveram como objeto a redação de um documento das estudantes que expõe um histórico do problema e reivindica seu reconhecimento oficial, com sugestão de medidas imediatas e de médio e longo prazos para a designação de vagas para mães, pais e famílias com filhos(as). O documento foi feito, porém, pelas dificuldades relatadas, acabou não sendo entregue. Sua principal reivindicação era, novamente, a regularização da situação das mães.

As reuniões propostas para enfrentamento das necessidades da pandemia foram encerradas. Realizamos mais um encontro em novembro no qual debatemos com o prof. dr. Egeu Gómes Esteves da UNIFESP o tema da economia solidária. Permaneceremos presentes, porém, conduzindo projetos de pesquisa que foram aprovados para bolsas PUB, com temáticas e bolsistas do CRUSP.

Pretendemos, com este relatório, transmitir algumas dimensões, a nosso ver, vitais da experiência vivida no CRUSP. O rompimento entre estudantes não significa o fim dos conflitos, assim como o encerramento das reuniões não assinala a superação dos problemas e das precárias condições de vida no CRUSP que foram ali relatadas e discutidas.

Na condução de pesquisas incluindo moradores(as) do CRUSP como bolsistas e colaboradores(as) e na proposta de encontros temáticos pretendemos

dar continuidade àquilo que havíamos iniciado em maio. As pesquisas com participação de bolsistas do CRUSP e sobre o CRUSP estão em andamento, mas a proposta de encontros temáticos não está acontecendo, tendo sido realizado apenas o citado encontro sobre economia solidária, em novembro de 2020.

Ao longo de todo o período recebemos relatos importantes de ameaça à integridade física e à vida de moradores(as) em decorrência dos tensionamentos. Já comunicamos à Universidade, por email (enviamos uma denúncia que recebemos em 09.11.2020 e comunicado sobre risco iminente de violência física em 03.02.2021), e reforçamos com este relatório: é muito grave a situação do CRUSP e tememos pela possibilidade de mais violência e sofrimento do que os já existentes. Nossa avaliação é que, apesar das iniciativas institucionais, existem três eixos de ação que apresentam falhas severas, que têm efeitos no recrudescimento dos problemas: 1) precariedade das instalações (equipamentos essenciais estão quebrados ou inexistentes, limpeza insuficiente, favorecendo a proliferação de ratos e aranhas, falta de manutenção geral); 2) falta de regularização das mães e de outros(as) estudantes, gerando instabilidade cotidiana na organização do espaço (mães residem com filhos e cônjuges, situação não prevista no regimento; pessoas em situação irregular; vagas que sofrem arranjos à margem da instituição); 3) esgarçamento de regras de convivência e mediações cotidianas (regras sobre higiene, uso do espaço, interação pessoal etc.).

Afirmamos, no entanto, com convicção, que as(os) estudantes da moradia estudantil em uma universidade da importância da USP precisam e merecem contar com estrutura física de qualidade articuladas com lugares institucionais de diálogo e mediação constantes e respeitosos.

O CRUSP tem valor inestimável para a Universidade e para a vida dos(as) seus alunos e alunas, tornando necessária e uma presença institucional mais intensa. Nossa sugestão é que, para a melhoria das condições de vida no CRUSP, seja realizada uma ação institucional, democrática e construída conjuntamente com os(as) moradores(as), que possa caminhar na superação ou, ao menos, na minimização dos pontos assinalados acima. Em outras palavras, isso passa pela melhoria da estrutura física, da regularização da situação das mães e de outros

estudantes e pela construção coletiva das regras de convivência, com a presença marcante da instituição na mediação democrática da vida cotidiana da moradia.

A Rede Não Cala reafirma seu compromisso com o cuidado dos estudantes como dimensão constitutiva da relação ensino-aprendizado, com especial atenção às diversas vulnerabilidades, produzidas social e culturalmente, e entendendo a Ética do Cuidado como perspectiva orientadora das experiências institucionais. Avaliamos que, ao longo do tempo, a Universidade parece estar atuando na direção do desmonte dos principais espaços de cuidado e permanência (que são simultaneamente espaços de ensino, de pesquisa e de extensão), tais como o Hospital Universitário, as Creches, o Centros Saúde-Escola e também a moradia estudantil. Somos docentes de todas as áreas do conhecimento e entendemos que tais espaços são fundamentais para uma universidade que se propõe a estar entre as melhores do mundo, considerando que políticas de permanência - incluindo creches, hospitais e moradias - compõem o cenário de investimento das melhores instituições internacionais. Para essas universidades, esses são espaços reconhecidamente importantes de ensino, pesquisa e extensão. No caso da Universidade de São Paulo, buscamos expressar os anseios de uma comunidade que historicamente construiu esses espaços, reconhecendo direitos fundamentais dos e das estudantes, garantindo sua permanência e mantendo sua dignidade. Convidamos à reflexão sobre a urgência da mudança da perspectiva que norteia as diretrizes adotadas, pois o cuidado está intrinsecamente ligado às atividades que solidificam a existência de uma universidade bem qualificada. Mais do que isso, consideramos que o investimento em recursos humanos atrelado ao compromisso de construção da vida seja um dos elementos centrais para avaliações qualitativas acerca da nossa competência institucional.

Para finalizar, cabe dizer que a moradia estudantil se inscreve numa política de assistência que não se configura como assistencialismo, mas como direito ao acesso e permanência à Educação Superior. As pessoas que moram no CRUSP são as mais pobres no quadro da Universidade e a materialidade da precariedade da estrutura é um sintoma em carne viva de como este segmento estudantil vem sendo tratado pela instituição. Nós também fazemos parte da instituição e por isso registramos aqui nossa perspectiva de que é

preciso uma mudança dos paradigmas de classe, gênero raça/etnia e geração dentro da universidade. Além disto, os custos para permanência, como no caso, os investimentos em moradia, devem ser vistos não como gastos assistencialistas mas sim como direito e cuidado com as pessoas que formamos. A moradia estudantil é um potente espaço de convivência, cultura, partilha intelectual, experiências de vida universitária, para isso este mosaico precisa ser bordado com linhas de qualidade, regras e mediações e sustentado no tecido de uma política institucional que priorize, efetivamente, o direito de estudantes universitários morarem com o mínimo de estrutura, dignidade e segurança.

São Paulo, 02 de março de 2021

Profa. Maria Luiza Sandoval Schmidt

Profa. Elizabete Franco Cruz

Profa. Andrea Saad Hossne

Profa. Soraia Chung Saura

Profa. Elizabeth Araújo Lima

Profa. Adriana Marcondes

Pela coordenação da Rede Não Cala de Pesquisadoras e Professoras da
USP

pelo fim da Violência Sexual e de Gênero